



A REVISTA O CRUZEIRO E O DESENVOLVIMENTISMO: IMAGENS DO BRASIL MODERNO NO GOVERNO JK.

Jorge Luiz Romanello¹

RESUMO: objetivo desta comunicação é analisar a forma como a revista O Cruzeiro tratou o tema do desenvolvimentismo durante o governo de Juscelino Kubitschek, a partir do estudo principalmente das fotografias, títulos, subtítulos, e legendas bem como do fluxo de publicação de reportagens e matérias sobre a construção de usinas hidrelétricas, estradas de rodagem, e de crítica dos estilos de vida e dos modelos de produção considerados atrasados, veiculados no período de 1954 a 1961. O Cruzeiro – o mais importante veículo de comunicação de massas do período, integrante do poderoso grupo Diários Associados – desempenhou um importante papel na construção da imagem do presidente JK como homem dinâmico e realizador, e do próprio desenvolvimentismo enquanto um modelo superação do atraso e da miséria. O periódico serviu-se para tanto de uma série de artifícios, entre os quais talvez o mais importante tenha sido a publicação de uma grande quantidade de reportagens sobre os mais diversos assuntos ligados direta ou indiretamente ao tema. A análise de algumas séries específicas, permitiu perceber muito mais do que apenas um conjunto de propagandas e críticas, essas publicações ajudaram a constituir e divulgar todo um projeto de modernidade para o país.

Palavras Chave: Revista *O Cruzeiro*, desenvolvimentismo, fotografia, natureza, história.

1 INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1950, o Brasil vivia uma era de mudanças que atingia quase todos os aspectos da vida do país. Vargas se suicidara, e pouco tempo depois assumia a presidência, por eleição, Juscelino Kubitschek, prometendo banir do país o subdesenvolvimento, o atraso e a pobreza. Pregava o desenvolvimento por meio de um Plano de Metas cientificamente traçado, que promoveria no país o avanço em ritmo de 50 anos em 5.

O desenvolvimentismo promoveu mudanças estruturais profundas na economia, mas foi atuando fundamentalmente na criação da imagem do Brasil como país do futuro, que estimulou, na sociedade, um anseio de modernização. Representando o que poderia haver de mais moderno, por exemplo, a construção de Brasília significava a superação do Brasil atrasado.

Os “Diários Associados”, um conglomerado de mídia – de propriedade de Assis Chateaubriand –, participaram diretamente na campanha eleitoral de Juscelino, integrando-se em seguida ao coro de propaganda do desenvolvimentismo, criando uma importante e

¹ Docente do departamento de história da UEL – Universidade estadual de Londrina – PR. Os resultados apresentados aqui, são parte de pesquisa de doutorado defendida no ano de 2006 na UNESP de Assis. O trabalho contou com financiamento parcial da CAPES. E-mail ediromanello@yahoo.com.br

rendosa teia de interesses em torno da figura do presidente e outros personagens-chave neste processo.

Integrante do conglomerado, a revista *O Cruzeiro* foi um dos mais importantes amplificadores do ideário desenvolvimentista, atuando diretamente nas propagandas das ações de governo e divulgando as obras que se realizavam, mas foi principalmente com um discurso de evangelização modernizadora da sociedade, que mais divulgou esse ideário.

Estabelecendo uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que respondia às expectativas dos leitores com imagens e discursos sobre a modernização, criava valores e modelos, utilizando-se, principalmente, da agilidade e da grande comunicabilidade proporcionadas pelo fotojornalismo.

Estas imagens apareciam através da publicidade, da ênfase dos valores urbanos, da pregação da mecanização da agricultura, do aproveitamento das riquezas regionais, ao mesmo tempo em que se enchiam páginas e mais páginas com fotos das praias cariocas – tomadas de todos os ângulos e perspectivas – aproveitadas para divulgar um estilo de vida urbano e mesmo uma relação com a natureza da Cidade Maravilhosa, a maioria delas promoviam, de alguma forma, a modernidade, por sua presença ou ausência.

A natureza foi objeto explícito de algumas reportagens de *O Cruzeiro*. No entanto, era de forma indireta - através da abordagem de uma infinidade de assuntos - que ela mais aparecia nas páginas da revista: algumas vezes ressaltando o exótico, como nas reportagens internacionais sobre o Pólo Sul e a Patagônia, de forma retumbante nas reportagens sobre a construção das estradas na selva e das de usinas hidrelétricas, de maneira mais técnica nos artigos sobre os desenvolvimentos da agricultura, ou mesmo sob a suavidade de reportagens sobre os namorados que passeiam nos jardins, entre outras.

Dentro dessa diversidade, neste trabalho foram elaboradas várias tipologias, sendo que as principais são: Natureza e fontes de riquezas Natureza e desenvolvimento econômico e A Natureza entre o urbano e o rural. A partir dessa divisão e abarcando o período de 1954 a 1961, procura-se entender por meio das análises, a concepção de natureza que *O Cruzeiro* ajudou a forjar, os interesses políticos e econômicos envolvidos, os valores que se projetavam e os mecanismos utilizados.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A fotografia é um dos elementos de maior poder comunicativo do mundo contemporâneo. Parte significativa desta força advém da poderosa associação com o real que ela produz,

Graças a sua natureza físico-química – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal qual estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. Se por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de suas ações sobre outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre prestará aos mais interesseiros usos dirigidos. As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das idéias e conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de divulgação e de informação. (KOSSOY, 2000)

Tocando ao mesmo tempo no campo da imaginação,

[...] as imagens, no jogo de revelar e ocultar, constituem-se numa dialética da construção do mundo do homem e de seus dilemas: a vida, a doença e a morte. As imagens, contudo, não são dados, meras evidências indiciárias, mas construções imaginárias. Elas não se reduzem a evidências documentais, objetivas, elas são, enfim, simbolizações construídas historicamente e socialmente.[...]. (DINIZ, et al., 2001)

A escolha da imprensa de circulação nacional deu-se particularmente em função de que ela [...] *é uma das produtoras privilegiadas do imaginário da nação, é um dos lugares da memória.* (SILVA, 2003)

Na constituição de *O Cruzeiro*, associou-se um prodigioso elenco de profissionais, – como editores, fotógrafos, repórteres, gráficos e outros – uma poderosa estrutura material que conjugava equipamentos gráficos de última geração e um invejável esquema de distribuição em bancas e de assinaturas em todo o país, chegando mesmo a circular uma *Edição Internacional* da revista, a partir da segunda metade daquela década.

Cobrando uma vasta gama de assuntos, *O Cruzeiro valorizava o Brasil, mostrando exaustivamente sua diversidade, seja através de seus habitantes, o nordestino, o gaúcho, os imigrantes estrangeiros; seja através de sua paisagem a floresta amazônica, a região das secas, as praias.* (COSTA, 1992)

Tendo a natureza nas suas mais diversas manifestações como um centro de foco, mas também como pano de fundo ou mesmo uma moldura, a revista construiu uma série de discursos sobre a cidade e o campo, o progresso e o atraso, sobre a própria paisagem, construindo ou reafirmando valores.

Imprensa e fotografia jornalística configuram-se portanto na fonte dessa pesquisa. Entende-se que o trabalho com a imagem permite, além de explorar seu potencial para a comunicação, perceber a sensibilidade do momento, pois parte-se do princípio de que ela responde às demandas – política, social, cultural – do contexto em que foram produzidas, transformando-se assim em veículo privilegiado para o estudo dos imaginários sociais.

Na execução deste trabalho foram consultados todos os 417 exemplares da revista circulados no período de 1954 a 1961, aproximadamente 52 publicações por ano (sendo que cerca de 70% deles em originais e 30% em microfilmes) a tiragem semanal média do periódico era de 550.000 exemplares. Com esse procedimento, efetuou-se por um lado um recuo de 2 anos ao início do governo JK acompanhando-o todo seu desenvolvimento por outro avançou cerca de 8 meses do momento de seu término. Esta opção metodológica foi fundamental para estabelecer diferenciações entre o tipo de discursos imagéticos produzidos no momento imediatamente anterior e posterior ao período 1956-1961 que caracteriza-se como central na elaboração e emissão dos princípios do nacional desenvolvimentismo dentro dos moldes pregados e praticados por JK e sua equipe.

A média geral de fotos publicadas por exemplar – incluindo as utilizadas em propagandas – era de aproximadamente 200, sendo que menos de 10% delas coloridas. Um total de aproximadamente 390 artigos e reportagens especificamente relacionados ao tema, foram selecionados de um total geral de 600 inicialmente arrolados.

A distribuição dos assuntos deu-se da seguinte maneira:

Natureza e paisagens 50 artigos.

Natureza e desenvolvimento econômico 74 artigos

A Natureza entre o urbano e o rural 262 artigos

O espaço usado para veicular uma matéria ou reportagem, podia variar de meia a mais de 30 páginas, sendo que na maioria das vezes não ultrapassava o número médio de 3.

As análises se desenvolveram de modo a procurar primeiro entender o sentido que a revista desejou fornecer ao conjunto de fotografias. Atuam aí a leitura da imagem do título e dos subtítulos legendas e boxes. Em um segundo momento, procurou-se constituir

uma leitura das articulações que as representações criadas principalmente com os imaginários do desenvolvimento econômico e da natureza.

Nas análises, sempre que possível, privilegiou-se o estudo das páginas iniciais das matérias e reportagens. Como é sabido este era um espaço estratégico para a elaboração e emissão de discursos visuais, uma vez que ali introduzia-se o assunto, ao mesmo tempo em que anunciava-se a abordagem que seria seguida.

O contexto sempre era o resultado de uma articulação direta das fotografias, a um título impresso em tipos grandes, aos subtítulos e legendas e ao próprio texto. A “foto manchete”, era o elemento principal da reportagem e não raro ocupava quase todo o campo formado por duas páginas abertas da revista, o título pretendia conduzir a leitura inicial do conjunto, enquanto os outros elementos encarregavam-se de complementar as informações anunciadas. Dependendo da importância e do espaço destinado a sua veiculação, continuava-se a desenvolver o assunto por um certo número de páginas, sempre amparadas em muitas fotografias, que ao final aparecia como uma “história contada”.

Em muitos casos, principalmente quando se tratava de reportagens menores, substituía-se a foto manchete por um número padrão de 5 a 7 fotos divididas em duas páginas.

Em todos os casos a predominância dos elementos visuais, reduzia significativamente o espaço destinado a edição dos textos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacam-se as análises das reportagens sobre produção de energia, representadas na revista principalmente pela exploração do petróleo, e geração de energia hidrelétrica apresentadas como o alicerce da chamada indústria de base, estas receberam também atenção de *O Cruzeiro* a tecnologia de extração e processamento de minérios. Estes entre outros itens, faziam parte de um extenso Programa de Metas que criavam programas de ação para desenvolver a economia do país.

Imagens da natureza no Brasil rural, congrega diversas manifestações de relação com a natureza no universo rural. A imagem da agricultura moderna foi um dos elementos fundadores da idéia de país desenvolvido, que deveria ser capaz de se sustentar e exportar alimentos, criada ao longo de vários séculos de constituição de valores, avança remodelada pela década de 1950 associando-se ao vigor e ao poder das modernas máquinas e tratores que ganhavam a terra, transformando-a, de espaço infértil, em fonte das dádivas e da abundância, representadas pela terra cultivada.

Um conjunto de referências sobre a imagem da terra inculca ou cultivada de “modos inadequados”, e práticas ultrapassadas, como a criação de gado de modo extensivo, por exemplo – que, quase sempre, apareceram associadas a lugares definidos, de forma direta ou indireta, como atrasados onde vivem pessoas atrasadas e onde, por consequência, se reproduz esse atraso.

As estradas são mostradas como veias que permitem circular o sangue da economia, o desenvolvimento da civilização por meio de um tipo de exportação do “progresso”, e promovem o contato entre os povos que constituem a nação e o turismo enquanto atividade econômica.

Suas construções criavam representações – e eram representações em si mesmas – da modernidade, veias de fluxo da economia pujante, mas principalmente representavam a possibilidade de grandes viagens de carro. A partir de então também em ambientes onde predominavam as selvas e cerrados. Esse processo criou discursos visuais fundamentalmente apoiados em uma relação antagônica entre homem e natureza.

CONCLUSÃO

As imagens da Natureza incorporam-se na própria história da revista, criando e respondendo a demandas de cada época em que circulou. Como se viu durante o período de 1954 a 1961, utilizando-se de estruturas e modelos de corte e edição já amplamente consagrados pelo fotojornalismo reinante na revista, promoveu e divulgou valores e estilos de vida, atuando de maneira direta nos mais diversos imaginários.

REFERÊNCIAS

COSTA, Helouise. **Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro**. 1992. Dissertação (Mestrado), ECA – Escola de Comunicação e Artes, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo.P. 90.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A iconografia do medo (imagens, imaginário e memória da cólera no século XIX)**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 115

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê editorial, 2000. p. 19-20.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **O tempo e as imagens de mídia: capas de revistas como signo de um olhar contemporâneo**. 2003. Tese (doutorado), UNESP, Campus de Assis. P. 17.